

nº 33
DEZEMBRO 2016



RAÍZES & MEMÓRIAS

Editorial – 30 Anos de Vida Institucional *José Carlos Soares Machado*

In Memoriam Eng.º João Francisco Coelho da Fonseca Barata
Fernando d' Abranches Correia da Silva

Tavares de Pinho *de Silva Escura* – Em abono do Nobiliário de Luís da Gama
João da Fonseca Barata † & Fernando d' Abranches Correia da Silva

Dois Trabalhos Inéditos de João da Fonseca Barata, Dos Açores à Beira Serra
Nuno Miguel Marques Barata-Figueira

Cartas de Brasão de Armas dos Avoengos Açorianos de João da Fonseca Barata

Habilitações *De Genere* de Padres do Termo de Alvares, Bispado de Coimbra
João Francisco Coelho da Fonseca Barata †

Rebellos, da freguesia de São Miguel do Juncal, termo de Porto de Mós *Francisco Montanha Rebello*

D. Ximena Moniz, Mãe de D. Teresa, Condessa (Rainha) de Portugal *António Ilídio Lima Leite Lobo †*

Negreiros Metello *João Carlos Metello de Nápoles*

Os Almeida Vilhena, de Aveiro *José Manuel Huet de Bacelar de Almeida*

Ligações Papais nas Famílias Portuguesas *Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes*

Mafra nas Memórias do Conde de Mafra – Genealogia e outras histórias *José Filipe Menéndez*

Quem era D. Estefânia Ponça? *Alice Lázaro*

A Casa e Capela de Santa Rita na Pampilhosa da Serra *Ana Paula Loureiro Branco*

A Família Saavedra Rebelo Sebastião – Entre o Baixo Alentejo e o Alto Douro
Nuno Miguel Marques Barata-Figueira & Luís Miguel P. G. Cardoso de Menezes

A Carta de Armas Quinhentista de Fernando Maldonado – Adenda *João Maldonado Correia*

Relação das Primeiras Alunas do Instituto de Odivelas (Infante D. Afonso)
João Manuel P. Pessoa de Amorim

II Tertúlia Genealógica em Castelo Branco

Francisco Tavares Proença Júnior e a 1ª década do século XX *Raquel Vilaça*

A Genealogia Paterna de Francisco Tavares de Almeida Proença Júnior
Fernando d' Abranches Correia da Silva & Jorge de Brito e Abreu

TnT – Temas na Tertúlia e Outros Acontecimentos – 2016

Memória da I Grande Guerra – *Nos 100 anos da entrada de Portugal no conflito*

Memórias de Família – O médico que andou desaparecido na Flandres
Ricardo Charters d'Azevedo

Aníbal de Azevedo, um dos Oficiais Mais Condecorados da I Grande Guerra
João Quintanilha de Mendonça

Dr. Manuel Hermenegildo Lourinho, médico presente em LA LYS e prisioneiro
José Carlos Lourinho Soares Machado

Marechal Manuel Gomes da Costa – memória genealógica e biográfica *F. A. Correia da Silva*

Uma orfã da I Grande Guerra *João Pessoa de Amorim*

30 anos

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GENEALOGIA

RAÍZES & MEMÓRIAS

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA "ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GENEALOGIA"

Sede: Avenida Duque de Loulé, 95 - 2.º D.º 1050-089 LISBOA

Endereço electrónico: apgenealogia.pt@gmail.com

Director: JOSÉ CARLOS SOARES MACHADO

Sub-Director:

JOSÉ DA COSTA CALDEIRA

Administrador:

FERNANDO D'ABRANCHES CORREIA DA SILVA

Redactor: NUNO M. BARATA-FIGUEIRA

N.º 33 = DEZEMBRO DE 2016

Tiragem: 300 ex. ~ Distribuição gratuita aos Sócios

Produção Gráfica

Tipografia Lobão

Depósito Legal: 73369/93

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GENEALOGIA

Presidente de Honra: S. A. R. O SENHOR DOM DUARTE, DUQUE DE BRAGANÇA

Direcção:

Presidente	DR. JOSÉ CARLOS LOURINHO SOARES MACHADO
Vice-presidente	DR. RUI DO AMARAL LEITÃO
Secretário-geral	DR. FERNANDO D'ABRANCHES CORREIA DA SILVA
Directores	JOSÉ DA COSTA CALDEIRA TEN.-COR. JOÃO PESSOA DE AMORIM DR. NUNO MIGUEL MARQUES BARATA-FIGUEIRA DR. JOSÉ FILIPE MENÉNDEZ

Mesa da Assembleia Geral:

Presidente	ENG.º JOÃO CORDOVIL CARDOSO
Secretário	ENG.º RICARDO CHARTERS D'AZEVEDO DR. JOSÉ EDUARDO DE MACEDO LEÃO

Conselho Fiscal:

Presidente	ENG.º JOÃO CARLOS METELLO DE NÁPOLES
Vogais	ALFREDO MADUREIRA E CASTRO COR. ENG.º CARLOS LEAL MACHADO

OS ESTUDOS PUBLICADOS NESTE NÚMERO DE "RAÍZES & MEMÓRIAS"
SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS RESPECTIVOS AUTORES



FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR E A 1ª DÉCADA DO SÉCULO XX

Raquel Vilaça *

Universidade de Coimbra.

Faculdade de Letras. Instituto de Arqueologia

0. Fixar a memória

Durante o ano de 2016, na cidade de Castelo Branco, mas não só, realizaram-se diversas iniciativas de índole cultural no âmbito das comemorações do centenário da morte de Francisco Tavares Proença Júnior. Se tais comemorações tiveram como motor a Sociedade dos Amigos do Museu de FTPJ, que promoveu, e concretizou, ao longo do ano, um ambicioso e diversificado programa, outras entidades não foram indiferentes a essa efeméride. Referimo-nos, nomeadamente, à Associação Portuguesa de Genealogia que, em conjunto com a Pinacoteca José Barata de Castilho, dedicaram a “II Tertúlia Genealógica” à figura daquele arqueólogo, evento realizado em Castelo Branco, a 15 de Outubro desse ano.

Tivemos então a oportunidade de apresentar algumas considerações na palestra que proferimos sobre o investigador e da qual resgatamos o presente apontamento¹. Com este brevíssimo texto pretendemos, tão-só, fixar por escrito algumas das facetas sobre a vida e a obra de Francisco Tavares Proença Júnior numa partilha especialmente dirigida aos leitores de *Raízes & Memórias*.

Para além da biografia que lhe foi dedicada², outros trabalhos mais recentes³, nos quais também se apoia este texto, focaram-se sobretudo na actividade científica deste investigador. Mas não é possível deixar de atender igualmente às circunstâncias em que

* *Raquel Vilaça* (rvilaca@fl.uc.pt)

- ¹ Queremos deixar pública expressão do nosso agradecimento à Direcção da Associação Portuguesa de Genealogia, através do seu Secretário-geral, Dr. Fernando d'Abranches Correia da Silva, pelo convite formulado para colaborarmos neste número de *Raízes & Memórias*.
- ² Dias, José Lopes (1972), *Francisco Tavares de Proença J.ºr Fundador do Museu de Castelo Branco (Vida e Obras)*, Estudos de Castelo Branco.
- ³ Antunes, Luís Filipe (2008), Francisco Tavares Proença Júnior: um arqueólogo “moderno” na Pré-História da Arqueologia Portuguesa? *Arqueos-perspectivas em diálogo*, 22, p. 39-172. Cardoso, João Luís (2010), Francisco Tavares de Proença Júnior, no quadro da arqueologia portuguesa do início do século XX, *Materiaes*, número especial, p. 17-45. Fabião, Carlos (2004), O arqueólogo Francisco Tavares de Proença Júnior. In Ferreira, (coord.), *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, IPM, Castelo Branco, p. 13-27. Ferreira, Ana Margarida (coord.) (2004), *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, IPM, Castelo Branco. Martins, Ana Cristina (1916), Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916) e a arqueologia em Castelo Branco na viragem para o século XX: textos, contextos e (des)venturas. In Vilaça (coord.), *II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*, Sociedade dos Amigos do MFTPJ, p. 25-60. Vilaça, Raquel (2016) (coord.), *Francisco Tavares Proença Júnior em 33 imagens*, Castelo Branco, Sociedade de Amigos do MFTPJ. Vilaça, Raquel (2016), Releer Tavares Proença, revisitar os territórios, reavaliar os dados: da Pré à Proto-história. In Vilaça (coord.), *II Congresso Internacional de Arqueologia da região de Castelo Branco*, Sociedade de Amigos do MFTPJ, Castelo Branco, p. 61-77.

essa profícua actividade se desenvolveu, seja em termos pessoais e familiares, seja no que respeita a arqueologia de então, seja ainda a nível conjuntural, concretamente político. Com efeito, os seus trabalhos arqueológicos foram desenvolvidos num curto período de tempo, oito anos apenas, entre 1903 e 1910⁴, período complexo a nível nacional, que culminou com a implantação da República. De fundamental importância para compreender a sua actividade é, por outro lado, a informação proporcionada pela copiosa correspondência epistolar⁵, muito em especial a que o nosso protagonista estabeleceu com o pai, com a família, com José Leite de Vasconcelos.

1. Nascimento, Morte, Família, Perfil

Nascido a 1 de Junho (pela 1 hora da manhã) de 1883, em Lisboa, na freguesia da Lapa⁶, Francisco Tavares Proença Júnior (Fig. 1) viria a falecer, prematuramente, tuberculoso, a 24 de Setembro de 1916, em La Rosiaz, Lausanne, Suíça. As exéquias, em Castelo Branco, ocorreram vinte dias depois, a 14 de Outubro, e delas foi elaborada desenvolvida reportagem no jornal de Castelo Branco *A Aurora*, de 15 de Outubro de 1916. Também Lopes Dias se lhes refere, informando que compareceu a população, em massa, numa impressionante manifestação, cenário este igualmente conservado em expressivo registo fotográfico inédito⁷.



Fig. 1 – Francisco Tavares Proença Júnior, muito jovem (retrato pertencente a seu sobrinho Dr. António Manuel Tavares de Proença de Abrunhosa).

Sobre os progenitores, pais e também avós, dispomos de pormenorizada informação em capítulo que Lopes Dias intitulou “Cepa familiar”, testemunho particularmente interessante porque apoiado em intensa pesquisa desenvolvida e porque o autor teve o privilégio de desfrutar de um contacto directo e muito próximo com a família, um “clã” prestigioso e reconhecido a nível social e político, também segundo palavras do biógrafo. O Pai, Francisco Tavares de Almeida Proença, foi Par do Reino, e a Mãe, Luzia Judite Galdino, era de modesta condição, vivendo em Lisboa quando se conheceram. Além do filho varão, houve duas irmãs, mais novas, Margarida, que cedo morreu, e Bárbara, que

⁴ Veja-se Dias (1972), obra citada, p. 123.

⁵ O estudo completo, sistemático e aprofundado do seu epistolário, praticamente inédito, está por fazer, não obstante os contributos das obras referidas nas notas 2 e 3. O principal acervo, conservado no Museu de Francisco Tavares Proença Júnior e resultante, conjuntamente com alguns dos inéditos, faz parte do legado cedido pelo seu sobrinho-neto, Dr. António Manuel Tavares de Proença de Abrunhosa, àquele museu. Mas sabe-se que boa parte da correspondência original se perdeu.

⁶ Sobre o seu nascimento, veja-se ainda Martins (2016), obra citada, p. 32.

⁷ Aquando da visita promovida pela Sociedade de Amigos do MFTPJ, a 22 de Outubro de 2016, à Quinta da Cortiça (Azóia, Leiria), onde também viveu Francisco Tavares Proença Júnior, e na qual tivemos o privilégio de participar, foi identificada, casualmente, interessante fotografia, inédita, do seu funeral. Atendendo a que a Dr^a Maria Adelaide Neto Salvado tem em preparação texto sobre o assunto, destinado à revista *Materiaes*, dispensamo-nos de publicar aqui imagem dessa fotografia.

lhe foi muito próxima e por quem nutria grande afecto e preocupação, conforme testemunham certas passagens epistolares.

Os trinta e três anos que Francisco Tavares Proença Júnior teve de vida foram intensos e conturbados. Intensos porque em qualquer das geografias e circunstâncias por que passou, em Portugal e no estrangeiro, sempre encontrou assunto ou actividade que o prendeu ou absorveu, e foram vários. Conturbados porque as relações com a família — seu fundamental suporte afectivo e financeiro — conheceram momentos de alguma tensão, em especial com o Pai; conturbados porque a doença que o vitimou — manifestada a partir dos seus 17 anos — condicionou-lhe a existência; conturbados ainda pelo contexto político do país recorrente da Revolução de 5 de Outubro e fase subsequente — abraçou a causa monárquica, envolveu-se na aventura couceirista —, que lhe determinou o destino, no exílio, dos seus últimos quinze anos de vida.

O que fez e o que escreveu, sobre assuntos diversos, com destaque para a arqueologia, que ora nos interessa, — a sua maior paixão, pelo menos até 1910 —, mas também sobre etnografia, arte, literatura, caça, artilharia, microbiologia, entre outros, espelham um espírito curioso, inquiridor, de personalidade forte, obstinada, voluntariosa, complexa, interessante. Um espírito também sonhador e uma vontade férrea que lhe permitiu realizar alguns dos seus sonhos.

2. O despertar, entre Londres, Davos e a Serra da Estrela

O raiar do século XX encontrará Francisco Tavares Proença Júnior, então com 16 anos, em Inglaterra, na Ilha de Wight, no colégio de Arreton, para onde partira a 20 de Outubro de 1899 e onde permanecerá até 9 de Agosto de 1900.

Esse ano terá sido crucial no rasgar de novos horizontes, que os meios económicos familiares proporcionaram, não só em termos estritamente educativos, mas também em termos formativos, culturais em geral, com verdadeiras revelações, desde os animatógrafos, por exemplo, que tanto o impressionaram, às colecções do *British Museum*, que o fascinaram. Londres, mas também Paris, por onde passou, revelaram-lhe o mundo e moldaram-lhe o carácter. O interesse pela arqueologia não terá nascido nessa altura — escreverá mais tarde “*Eu amo desde a infância as antiguidades e compreendo-as*” (1904), mas decerto que terá sido a partir de então que passou a encará-la de outro modo, como uma possibilidade real.



Fig. 2 – Rua de Davos em inícios do século do século XX (foto de Francisco Tavares Proença Júnior).

De regresso à Beira Baixa, onde passará o Verão, traz também os primeiros sintomas da doença, confirmada em Outubro de 1900, que o obrigarão a sair de novo, desta vez para o Sanatório de Davos, na Suíça, na senda da cura. Durante os meses que aí permanecerá e apesar dos constrangimentos da doença, não descurará leituras (entre outras actividades, como o tiro ao alvo), nomeadamente sobre arqueologia, nem deixará de aperfeiçoar a prática da fotografia (Fig. 2), que não mais deixou, — paixão esta que lhe vinha já desde os 12 anos, segundo

palavras do pai —, com a qual fixou tantas imagens do seu labor arqueológico e não só⁸.

De novo de regresso, será na Serra da Estrela, em propriedade da família, que encontrará temporária cura. A formação teórica decorrente da leitura intensifica-se durante esse período, de isolamento, com a encomenda, pelo pai, de vários livros de história e de arqueologia. Mas é também, então, que se forja a sua formação de campo, prática, com a exploração de diversas temáticas, desde a geografia e climatologia à arqueologia, topografia e etnografia⁹, e já acompanhado do óculo de longo alcance¹⁰, que lhe permitirá ver mais longe.

Voltará ainda a Davos, para diagnóstico, e de novo, por várias vezes, à Serra da Estrela, mas o horizonte imediato é já outro: o ingresso na Universidade de Coimbra.

3. Tempos de Coimbra

A 7 de Outubro de 1902 Francisco Tavares Proença Júnior matricula-se em Direito, recebendo a primeira aula a 23 do mesmo mês. Trata-se de dar continuidade à sua formação e o destino, rumo a Coimbra, que fotografa (Fig. 3), e àquele curso, afigurava-se previsível.



Fig. 3 – Coimbra em inícios do século do século XX vista a partir da zona onde hoje se encontra o “Portugal dos Pequenitos” (foto de Francisco Tavares Proença Júnior).

Os tempos de Coimbra serão intensos, determinantes na sua formação, consolidação e reconhecimento nacional e internacional no campo da arqueologia.

Desde o início, até ao seu

⁸ Ver em especial Ferreira (coord.) (2004), obra citada e Vilaça (2016) (coord.), obra citada.

⁹ Projecto que nunca seguiu a publicar mas para o qual reuniu diversas notas conservadas no seu espólio inédito. Veja-se também Dias (1972), obra citada, p. 246.

¹⁰ Dias (1972), obra citada, p. 67. Veja-se ainda em Vilaça, R. (2016) (coord.), obra citada, p. 40-41, fotografia onde figura o referido óculo.

abandono, o curso foi relegado para secundaríssimo plano, dando primazia à literatura, que tanto apreciava, à escrita, e, sobretudo, à arqueologia. Na sua mesa de trabalho acumulavam-se obras de Zola, de Shakespeare, de Balzac, de Camilo Castelo Branco...¹¹ e, em palavras próprias, escritas em 1902, acrescentaria “*com triste cara de abandonado, sem esperança, espreita-me o Código civil*”¹².

Aluga quarto na Rua de S. Salvador, nº 2, viverá em República, na Rua das Flores e depois ainda na Rua Antero de Quental. Serão frequentes os passeios pelos arredores de Coimbra, facilitados por posse de viatura própria¹³, ou indo mesmo mais longe, até Condeixa-a-Velha e Figueira da Foz.

Na primeira importava-lhe Conímbriga, então já conhecida pelos trabalhos pioneiros realizados, com patrocínio real directo da rainha D. Amélia, em 1899, pelo Instituto de Coimbra, sob responsabilidade de António Augusto Gonçalves. Chega a comprar algumas peças arqueológicas recolhidas nos campos por populares, hoje no acervo do Museu que ostenta o seu nome.

Na segunda interessavam-lhe os trabalhos arqueológicos do imenso investigador que foi António dos Santos Rocha e onde também existia, desde 1894, um museu de arqueologia, que visitará somente a 30 de Junho de 1906, registando num dos seus cadernos de apontamentos esboços de alguns objectos.

Esse ano será também o da admissão de Francisco Tavares Proença Júnior como sócio efectivo



Fig. 4 – Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra (foto de Francisco Tavares Proença Júnior).

do Instituto de Coimbra, conforme ofício datado de 7 de Fevereiro de 1906. Mas esta prestigiada instituição científica, literária e artística, onde funcionava uma Secção de Arqueologia, esteve presente desde o início dos anos que passou em Coimbra.

Logo que chegou foi admitido como sócio correspondente pela mão de Bernardino Machado¹⁴, que lhe abriu também as portas da sua biblioteca. Os primeiros trabalhos de arqueologia, além de outros que se seguiram, são publicados, em 1903, na revista *O Instituto*. Frequenta assiduamente o seu Museu de Antiguidades¹⁵, onde tinha “*entrada a*

¹¹ Deste seu interesse resultou a obra *Camilo Castelo Branco, 1825–1890. Autobiografia coordenada e anotada*, 1 vol., 1905, Coimbra, Livraria França Amado (reeditada pela SAMFTPJ em 2007).

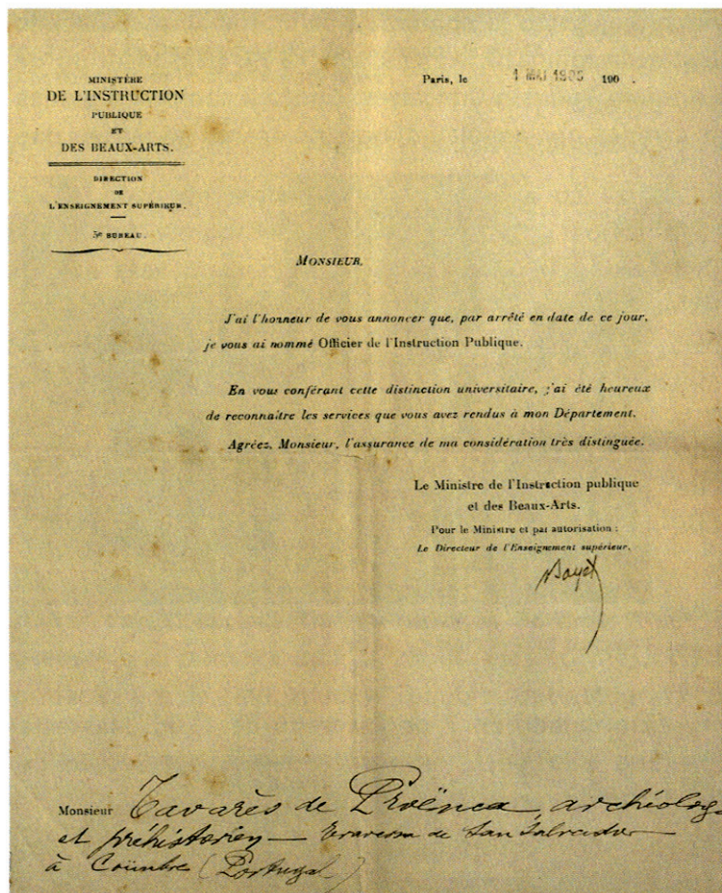
¹² Em “Horas d’ócio”, Coimbra, 1902, manuscrito referido em Dias (1972), obra citada, p. 86.

¹³ Informação sobre o automóvel próprio, ver Ferreira (coord.) (2004), obra citada, p. 250, fot. 19.

¹⁴ Presidente do Instituto entre 1896 e 1907. Veja-se Ferreira, Licínia (2014), *Instituto de Coimbra. O Percurso de uma Academia*, Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 202–203.

¹⁵ As suas colecções seriam, em parte, incorporadas no futuro Museu Nacional Machado de Castro, criado em 1911, pela República.

*qualquer hora*¹⁶, e onde se encontravam expostos materiais e mosaicos de Conímbriga. Francisco Tavares Proença Júnior fotografa-os (Fig. 4) e desenha-os, em parte, conforme mostram também alguns esboços e notas dos seus inéditos. Por convite de Bernardino Machado será delegado do Instituto no Congresso da *Société Préhistorique de France*, realizado em Périgueux, em 1905¹⁷, e também representante de Portugal¹⁸, desempenhos que lhe proporcionaram o reconhecimento internacional pelos seus pares e a atribuição pelo Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts, no ano seguinte, do título de "Officier de l'Instruction Publique" (Fig. 5).



No fundo, podemos dizer que no Instituto encontrou Francisco Tavares Proença Júnior o enquadramento institucional que lhe deu foro e estatuto de investigador, mas a sua formação foi essencialmente autodidata — com muitas leituras, com múltiplas visitas a museus e sítios arqueológicos, com vários e inovadores trabalhos de campo, de prospecção e de escavação —, se bem que em frequente diálogo inspirador e de aprendizagem com o seu “querido Mestre”, José Leite de Vasconcelos.

Fig. 5 - Missiva onde se informa a atribuição a Francisco Tavares Proença Júnior do título de "Officier de l'Instruction Publique" pelo Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts (1906).

¹⁶ Veja-se Dias (1972), obra citada, p. 79.

¹⁷ Esta sua participação é retribuída com a publicação de relatório respeitante às temáticas das várias sessões do Congresso, notícias sobre as visitas realizadas e as duas comunicações que tinha apresentado. Veja-se *O Instituto*, vol. 53, 1906, p. 181-188.

¹⁸ Notícia divulgada a nível nacional pelo *Diário de Notícias*, de 6 de Outubro de 1905.

E, como bem notou Carlos Fabião¹⁹, a sua actividade foi contra a corrente, primeiro a nível internacional, em França, e só depois a nível nacional. De facto, após a sua presença naquele congresso, onde apresentou duas comunicações relativas à descoberta das celebérrimas estelas do Monte de S. Martinho (Castelo Branco)²⁰, participará no congresso realizado em Vannes no ano seguinte, enviando o trabalho “Essai de classification des dolmens portugais”, e ainda, em 1907, no congresso realizado em Autun, onde apresenta comunicação relativa a listagem dos castros portugueses por distrito²¹.



Fig. 6 – Actual identificação do clube “O Tiro”, de que Francisco Tavares Proença Júnior foi co-fundador.

Com efeito, nesses anos de Coimbra, onde não negligenciará uma outra das suas paixões — as armas —, chegando a fundar a sociedade *O Tiro*, clube a que presidiu e que hoje ainda sobrevive (Fig. 6), forjou-se como arqueólogo e não se limitou a leituras nem à descoberta da arqueologia da região. Pelo contrário, todas as oportunidades, nomeadamente em período de férias, mas não só, e com Coimbra também já passada, foram de entrega à arqueologia, obstinadamente. Em manuscrito, datado de 1907, dirá: “*A Arqueologia é o meu vício — o único verdadeiro que eu tenho...*”²².

Visitou outros sítios de referência nacional, como a Cidade Velha de Santa Luzia (Viana do Castelo), onde elabora a respectiva planta e fotografa, e a Citânia de Briteiros (Guimarães), que também capta em lente fotográfica (Fig. 7). O interesse pelos castros, pelas citânias, leva-o pelo menos três vezes ao Minho, em 1904, 1906 e 1907. O Alto Alentejo é



Fig. 7 – Citânia de Briteiros em 1906 ou 1907 (foto de Francisco Tavares Proença Júnior).

¹⁹ Veja-se Fabião (2004), obra citada, p. 13.

²⁰ Proença Júnior, Francisco Tavares (1905), *Notice sur deux monuments épigraphiques*, Coimbra, Typographia França Amado. Proença Júnior, Francisco Tavares (1905), *Notice sur la Préhistoire de Beira-Baixa et sur deux monuments gravés trouvés en Portugal*, *Congrès Préhistorique de France*. Périgueux, p. 281-285.

²¹ Proença Júnior, Francisco Tavares (1908), *Les enceintes portugaises: leur classification, leurs types*. *III Reunião do Congrès préhistorique de France*, Le Mans, Imprimerie Monnoyer, p. 710-711.

²² Veja-se Dias (1972), obra citada, p. 117.

outro dos destinos, que visita em 1905 e 1906, e onde chega a escavar duas antas, a de S. Gens e a de Pucarinhos (Nisa)²³. A região de Leiria, tendo como base logística a Quinta da Cortiça (Azóia), onde chegará a viver largas temporadas, também com papel de administração da propriedade, é igualmente explorada, com registos de diversa ordem, por exemplo no âmbito do Paleolítico e da Epigrafia. Mas é na Beira Baixa, no distrito, na região e na cidade de Castelo Branco que se consubstancia a sua grande obra.

A partir de 1907 Coimbra passará a fazer parte do passado. Nos cinco anos em que aí viveu não conseguiu (e não quis) cumprir nem os objectivos iniciais, sem a vontade familiar, especialmente a paterna, de concretização do curso de Direito. O curso é abandonado, reconhece-o e justifica-o(se) a 16 de Fevereiro de 1907: "*Abandonei as aulas porque reconheci que estava perdendo o meu tempo.*"

4. Uma página em branco

Como lembrámos no início, os trabalhos arqueológicos de Francisco Tavares Proença Júnior foram desenvolvidos num curto período de tempo, entre 1903 e 1910. Não será muito errado dizer que a esses anos esteve subjacente, desde início, consciente ou subconscientemente, uma estratégia definida pautada pela regularidade entre a actividade de campo, numa tripla dimensão — resgate de objectos, prospecção e escavação —, e a publicação de resultados que, com aquela, ia somando.

Se a arqueologia lhe interessava em geral, conforme exprimem alguns dos trabalhos publicados e muitas das anotações que encontramos nos seus inéditos, interesse que se traduz igualmente nas viagens e pesquisas, dispersas, que realizou pelo Minho, pelas regiões de Coimbra e de Leiria, pelo Alentejo, a arqueologia da Beira Baixa interessava-lhe em particular, muito em particular, região a que se dedicou de corpo e alma.

Em 1903, quando tudo começa, iniciava-se também a escrita de uma página (quase) em branco sobre a arqueologia da Beira Baixa. Por isso, o epíteto de "pioneiro" lhe assenta de forma tão ajustada.

De acordo com os paradigmas dominantes à época, a obtenção de materiais arqueológicos foi uma constante que o preocupou desde a primeira hora até porque bem cedo começou a cogitar a criação de um museu: "*Todas as pesquisas e excursões que tenho feito são apenas com o fim de reunir materiais para a fundação desse Museu.*", escreve a 20 de Julho de 1903.

Para este objectivo convergiram, por um lado, a aquisição de artefactos que comprava, mas também as ofertas recebidas facilitadas por pertencer a família bem conhecida e considerada na região. Por outro, e por mérito próprio, os objectos que ia reunindo resultavam de achados decorrentes de trabalhos de prospecção e de escavações.

Mas o mérito de Francisco Tavares Proença Júnior foi ainda de maior alcance

²³ Proença Júnior, Francisco Tavares (1910), Antas do Distrito de Portalegre. *Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas*, Anno I, nº 1, p. 3-16.

porquanto soube utilizar rigorosa metodologia de campo para os padrões da época, concretamente a nível de escavação, saber que colheu das muitas leituras realizadas e onde a influência do seu mestre foi indelével. Em carta enviada a 16 de Julho de 1903 a Leite de Vasconcelos, escrevia: *"Enfim, eu tencionava continuar as escavações e fazer como V. Ex^a me aconselha, uns cortes até ao chão natural, observando as camadas e os entulhos"*²⁴.

A escavação, em 1904, da anta da Urgueira e a respectiva publicação, em 1909²⁵ é exemplar a este propósito, em termos de localização, acessos, camadas estratigráficas, que caracteriza e mede, plantas, cortes (Fig. 8), distribuição espacial dos achados, etc. No campo do Megalitismo, uma das suas grandes áreas de interesse, outras reflexões são evidentes, como as respeitantes à origem e identificação das matérias-primas dos esteios e materiais e construção das mamoaas, às eventuais construções mistas de pedra e madeira, ideia que lhe chega de França, como refere, às cerâmicas intencionalmente partidas talvez durante cerimónias fúnebres, etc.

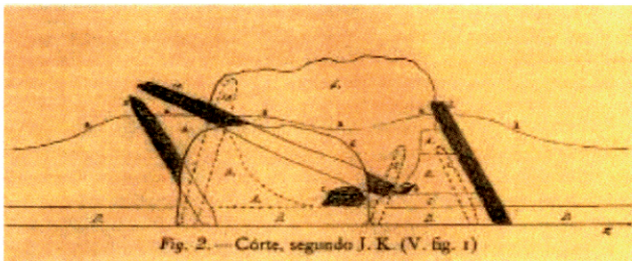


Fig. 8 – Corte da Anta da Urgueira, escavada em 1904 por Francisco Tavares Proença Júnior.

E poderíamos continuar a dar exemplos, neste e em outros dos seus grandes campos de predilecção, como os castros, de que na região são dignos de nota os do Monte de São Martinho, ainda hoje a maior referência regional, que escavou em 1903 e 1906²⁶, e o do Cabeço dos Mouros (Idanha-a-Velha), para o qual realizou interessantíssimo levantamento topográfico, assinalando curvas de nível, linhas de água, pontos cardiais. Ou ainda a Epigrafia, a *"fascinadora epigrafia"*, expressão que lemos num dos seus inéditos²⁷. Neste caso, as visitas que efectuou em 1903, 1906 e 1909 a Idanha-a-Velha, a antiga *Egitania*, verdadeiro campo de epígrafes, e não só, marcaram-no de tal forma que a classifica como uma *"segunda Herculanum"*.

Em síntese, neste brevíssimo e muito incompleto périplo pelo trabalho arqueológico de Francisco Tavares Proença Júnior, poderemos dizer que, começando quase do nada, o final da primeira década do século XX chegará, no que à arqueologia da Beira Baixa diz respeito, com um quadro totalmente inovador, seminal, até então insuspeito.

²⁴ Veja-se Fabião (2004), obra citada.

²⁵ Proença Júnior, Francisco Tavares (1909), *Anta da Urgueira (Beira-Baixa)*, Leiria, Typographia Leiriense.

²⁶ Proença Júnior, Francisco Tavares (1903), *Antiguidades* (I – Resultados de explorações feitas nos arredores de Castello Branco em Setembro e Outubro de 1903), Coimbra, Typographia França Amado.

²⁷ Proença Júnior, Francisco Tavares (1910), Inscricções inéditas, *O Archeologo Português*, XV, p. 39-54.

Poderemos ainda dizer que, se os anos entre 1903 e 1909 foram essencialmente anos de laborioso e aturado trabalho de 'armazenagem' de dados, como faz a formiga, 1910 será o ano em que Francisco Tavares Proença Júnior, não chegando a transformar-se verdadeiramente em abelha, até porque não teve tempo, compilou, organizou e disponibilizou os dados antes colhidos, que se amontoavam, começando a processá-los, com vista ao futuro. O futuro foi demasiado curto para ele.



Fig. 9 – Carta Arqueológica do Distrito de Castelo Branco, publicada em 2010.

5. O ano de 1910, em que (quase) tudo aconteceu

Efectivamente, o último ano da actividade científica do arqueólogo albacastrense consubstanciou-se em três obras distintas, mas complementares, todas maiores, perfeitamente integradas e concertadas.

Numa altura em que eram praticamente inexistentes o que hoje chamamos “cartas arqueológicas”, Francisco Tavares Proença Júnior elabora a primeira e, até hoje única, carta arqueológica da Beira Baixa, em livrinho que intitulou *Archeologia do Districto de*

Castello Branco, saída do prelo em Março de 1910²⁸. São listados os sítios arqueológicos e os achados, que também cartografa (Fig. 9), e tece algumas considerações interessantes. Não hesitamos em dizer que qualquer investigador que se debruce sobre a arqueologia desta região não poderá passar sem a consultar.

No mês seguinte, a 17 de Abril, domingo, é inaugurado o Museu Municipal de Arqueologia, então instalado na capela do Convento de Santo António. O museu, com os objectos e epígrafes reunidos ao longo dos anos, era sonho antigo, embora a ideia tivesse sido apresentada oficialmente ao Presidente da Câmara só a 24 de Março de 1908. Nem tudo foi fácil, longe disso, como bem testemunha alguma da correspondência epistolar inédita, nomeadamente com o Pai, onde as preocupações são manifestas. Mas concretizou-se e a sua abertura foi muito concorrida, com “muitas centenas de indivíduos de todas as classes sociais”, segundo notícia da *Gazeta da Beira* de 24 de Abril de 1910, e divulgado, a nível nacional, na edição de *O Século* de 20 de Abril de 1910 (Fig. 10).

Em Julho/Agosto deste mesmo ano é editado o primeiro fascículo de *Materiaes para o estudo das Antiquidades Portuguezas*,



O sr. Tavares de Preença Júnior no seu gabinete de trabalho

Diz-se que o governo vai mandar proceder à terraplanagem e obras d'arte na estrada de Moncheta, a Madalena, distrito de Viana do Castello, e à reparação dos estragos produzidos pelos temporais no troço da estrada de Peniche a Santarém, entre as estradas real 50 e a municipal das Gaidas da Rainha da Leiria.

—Consta que vai ser mandada estudar uma estrada de ferro do mesmo nome, no distrito de Leiria, e sua variante ao traçado da estrada através de Armamar, da Castro Verde e a Armamar.

—A câmara municipal de Olivaria do Azmeis representou ao governo pedindo que se proceda ao prolongamento da construção da estrada de Santo Amaro às proximidades do Rio Chama, entre as estradas real 10 e a districtal 88.

—Foram approvados o projecto e orçamento, votados pela câmara municipal de Guimarães, para reparação, melhoramento e alargamento do caminho municipal que atravessa as freguezias de Tagilde e S. Faustino da Vila.

—Foi approvada o orçamento das obras de reparação da estrada municipal da Bandeira a Lombo, entre a ponte de Avintes e o lugar do Armazem Novo, votado pela câmara municipal de Gays.

Foi autorizada a concessão do terreno publico, delimitada pela câmara municipal de Santarém, para edificação do prédio do sr. Julio José Barreiros, na povoação de Pombalinho.

Inaugura-se em Castello Branco o museu municipal de archeologia

CASTELLO BRANCO, 18.—Abra hontem ao publico, na antiga capella de Santo Antonio, a nova dependencia do museu municipal de archeologia, a qual se encontra em plena e completa actividade e a qual sempre durará ligada ao nome do benemerito doador.

O mesmo, que visitamos detalhadamente e com o agradecimento devido ao sr. Francisco Tavares de Preença Júnior, que aqui se encontra a esta cidade, um importante e inestimavel serviço, ao qual sempre durará ligada o seu nome de benemerito doador.

O mesmo, que visitamos detalhadamente e com o agradecimento devido ao sr. Francisco Tavares de Preença Júnior, que aqui se encontra a esta cidade, um importante e inestimavel serviço, ao qual sempre durará ligada o seu nome de benemerito doador.

completadas, a saber, adunas, armaz, etc., vindo-se tambem uma carta archeologica do districto de Castello Branco, incluindo as localidades e monumentos de todo o periodo colonial até ao século V. D. C.

Tambem o sr. Preença acaba de publicar um volume sobre a archeologia do nosso districto, ao qual reunimos os seus apontamentos de oito annos de trabalhos e ao qual facilitou aos estudantes as suas pesquisas e uma regua que ha pouco ainda era desconhecida na historia de archeologia, tendo já escripto, como verdadeiro apostolo que o da sciencia archeologica, varios trabalhos, sendo alguns impressados no congresso archeologico de Franco.

O mesmo foi hontem muito visitado, estando patente ao publico do meio da 8 e 5 horas da tarde.

ALCUBACA, 18.—C.—Parce que vai ainda fazer-se alguma coisa em beneficio das estradas desta região. Segundo nos informam, já foram approvadas as obras de reparação da estrada d'aqui a Nazareth, não sendo, no entanto, a qualidade da pedra arenosa muito boa para os trabalhos de terraplanagem da successoria.

Emfim, da mal e maua.

Tambem outras attentivões foram feitas já, respectivamente, a parquias e freguezias em diferentes cantões d'esta villa e proximo d'ella.

—A firma Figueiredo & Lameiras, d'esta villa, obteve da Companhia dos Caminhos de Ferro um ramal de linhas de electricidade do Valado e de Montezinho, o qual já esteve em laboração, reaberta e espedida para ser recondicionada.

REQUIERAS DE PORTUGAL (LHITA), 18.—C.—Começaram, finalmente, os serviços de obras de obras publicas, ao serviço da estrada de Amora, sob a direcção de verdadeiros technicos, pois que o antigo do antigo e director de obras publicas, sr. Chantrel, que teve em vista realisar os serviços de obras que se estavam a fazer, não estava a disposição de servir.

—A firma Figueiredo & Lameiras, d'esta villa, obteve da Companhia dos Caminhos de Ferro um ramal de linhas de electricidade do Valado e de Montezinho, o qual já esteve em laboração, reaberta e espedida para ser recondicionada.

REQUIERAS DE PORTUGAL (LHITA), 18.—C.—Começaram, finalmente, os serviços de obras de obras publicas, ao serviço da estrada de Amora, sob a direcção de verdadeiros technicos, pois que o antigo do antigo e director de obras publicas, sr. Chantrel, que teve em vista realisar os serviços de obras que se estavam a fazer, não estava a disposição de servir.

VALADO DOS FRADES, 18.—C.—A junta de parochia d'esta freguezia realceou, na sua ultima sessão, applicar os fundamentos da agreez e mais realises e condicções do edificio da mesita, o qual, por de abrigar a necessidade, porquanto se trata de 25 annos que se tem a ilha quasi que concerta. Na iniciativa d'esta obra, o sr. Antonio Franco d'Oliveira e o sr. Manoel Vazaga, João Maria Gouveia, Antonio Ricardo Soares e José Amado, que já se encontraram com o orçamento alguns habéis artífices d'arte e de Nazareth.

ALCUBACA, 18.—C.—A junta de parochia da freguezia de Villa Nova da Rainha resolveu mandar proceder á reconstrução da igreja parochial, para o que desde já se temo projectada.

Fig. 10 – Página de *O Século* de 20 de Abril de 1910 onde é anunciada a inauguração do Museu e se observa também fotografia de Francisco Tavares Preença Júnior na sua mesa de trabalho (publicada em Vilaça, Raquel (2016) (coord.), Francisco Tavares Preença Júnior em 33 imagens, Castello Branco, Sociedade de Amigos do MFTPJ. 2016).

²⁸ Trabalho que mereceu reedição fac-similada em 2016, por iniciativa da Sociedade de Amigos do MFTPJ.

revista cuja preparação vinha de bem antes, pois *“Há cinco ou seis anos que eu andava com esta ideia”*, escreve num dos cadernos. Concebida de forma tripartida, com uma secção de Literatura, de História e de Arqueologia, incluía ainda uma secção designada de *“Bibliografia”* com comentários críticos da autoria do editor relativos a obras que iam sendo publicadas, espelhando não só o leque de leituras que tinha em curso, mas constituindo também, de algum modo, o pioneirismo na publicação de resenhas. A revista teve vida efémera.

Chegou Outubro de 1910. A República mudaria tudo, quase tudo. A vida de Francisco Tavares Proença Júnior não voltou a ser a mesma. A arqueologia passaria a fazer parte do seu passado. Parte para o exílio em 1911, de onde regressará, sem vida, em 1916.

6. Epílogo

A arqueologia da Beira Baixa estará sempre em dívida para com Francisco Tavares Proença Júnior, que foi completo como investigador (Fig. 11). Muito poucos tiveram a capacidade de se multiplicar em tantas frentes, com destaque para a obra concertada de um Museu, uma Revista, uma Carta Arqueológica. Aquisições, prospecções, escavações cederam-lhe a matéria-prima, que estudou, com rigor e paixão, e partilhou com o público. Os seus pares reconheceram-no, a nível nacional e internacional.

É verdade que a sua morte prematura, longe do lar, num contexto de exílio, doente,

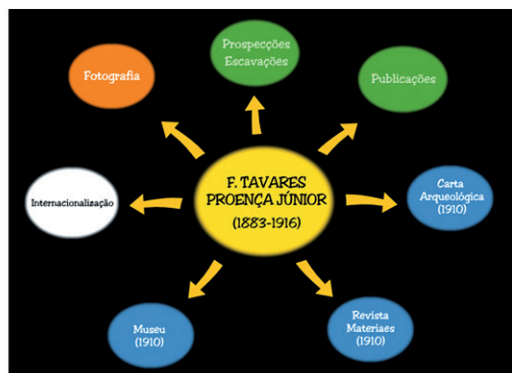


Fig. 11 – Gravura onde se destacam as actividades arqueológicas mais significativas de Francisco Tavares Proença Júnior.

contribuiu para a criação de uma certa aura à volta da sua figura, que a memória colectiva albacastrense não deixou de alimentar ao longo das décadas. E compreende-se.

Ao breve retrato traçado nestas páginas subjaz alguém com um percurso de vida único e singular. Por temperamento próprio e a nível científico, também, encontramos nele, como fundador da arqueologia da Beira Baixa, um pioneiro, que caminhou (quase) sempre sozinho, de certa forma, solitário, segundo o próprio, *“extraordinário”*²⁹.

Por isso, tão apropriadas são as palavras de Lopes Dias sobre Francisco Tavares Proença Júnior:

“Um Quixote sem a companhia de Sancho”.

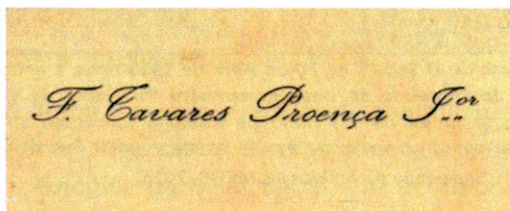


Fig. 12 – Cartão de visita de Francisco Tavares Proença Júnior

²⁹ Veja-se Dias (1972), obra citada, p. 78.

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA DE GENEALOGIA

2017
33
nº DEZEMBRO

RAÍZES & MEMÓRIAS

